

A PRODUÇÃO INTELECTUAL DE MULHERES NEGRAS: FONTES BIBLIOGRÁFICAS, ESCRITAS DE SI E ESCRITAS DA HISTÓRIA.

THE INTELLECTUAL PRODUCTION OF BLACK WOMEN: BIBLIOGRAPHICAL SOURCES, WRITTEN ONESELF AND WRITTEN HISTORY.

Idalina Maria Almeida FREITAS*

Resumo: Esse artigo pretende discutir a invisibilidade que o pensamento feminista negro e a produção intelectual, acadêmica/ativista de mulheres negras ainda persiste, sobretudo nos meios acadêmicos na produção de narrativa histórica. Propõe-se discutir algumas obras de caráter acadêmico e literário, pensando que essas produções também configuram fontes e documentos históricos, apontando possibilidades de transformações na escrita da História, bem como de vivências e novas práticas em sala de aula. Para tanto, as análises que proponho são ancoradas a partir dos diálogos com uma reescrita da História, por meio da intersecção entre gênero, classe e raça.

Palavras-chave: Intelectuais, Mulheres negras, escrita da História, Fontes Bibliográficas.

Abstract: This article intends to discuss the invisibility that black feminist thought and the intellectual, academic / activist production of black women still persists, especially in academic circles in the production of historical narrative. It is proposed to discuss some works of academic and literary character, thinking that these productions also configure sources and historical documents, pointing out possibilities of transformations in the writing of History, as well as experiences and new practices in the classroom. For that, the analyzes that I propose are anchored from the dialogues with a rewriting of History, through the intersection between gender, class and race.

Keywords: Intellectuals, Black Women, History Writing, Bibliographic Sources.

Inquietações...

* Doutora em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, campus Caicó, docente. Email: idaestevam@gmail.com

Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você... Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever.
Glória Anzaldúa

Esse texto parte de inquietações diversas, mas, sobretudo a partir do meu lugar de mulher negra no meio acadêmico, docente na área de Ensino de História. É sobre repensar o conceito de intelectualidade, articulado as formas como ensinamos e aprendemos História, questionando sobre quais histórias dão sentido em nossas vidas e nos processos de ensino e aprendizagem em História. Através de quais mediações? Inquieta-me que essa formação não pode resumir-se a lugares de poder, que legitimam a velha máxima entre “nós e os outros”.

O exercício que nos ensina bell Hooks, é de desconstrução/reconstrução da ideia de intelectualidade¹, ou de como as teorias devem ser ferramentas que nos fornecem instrumentos para pensar e intervir na realidade, sobretudo quando se pensam outras dimensões do ensinar e do aprender, por meio de outros sujeitos, histórias, memórias e como são registrados. Importante destacar que tal perspectiva de intelectualidade negra posta por bell hooks, é percebida enquanto um trabalho que em nenhum momento aparta-se da “política do cotidiano”.

Hooks também expõem releituras sobre o fazer-se intelectual de mulheres negras, muitas vezes posta como “suspeita”, problematiza as dimensões dos lugares da teoria e da prática na produção de uma escrita ativista, a vida intelectual ligada a carreira do ensino, além de insurgir novas propostas teóricas-metodológicas para esse fazer, questiona a intelectualidade como um traço masculino, semeado pela subordinação sexista que provoca o desconhecimento de intelectuais negras, imersas em ilhas de invisibilidade provocadas pela exploração de classe, racismo e sexismo, reflexo da realidade porque muitas negras não escolhem o trabalho intelectual como sua vocação.

Nesse sentido ficção e realidade caminham juntas, por meio da palavra-força que contribui para pensarmos o que Sueli Carneiro chama de “vontade de memória”,

frente à debilidade de alguns registros, sobretudo em forma de publicações, fontes e fazer intelectual, nos espaços acadêmicos, de pesquisa e ensino.

Esse artigo pretende discutir alguns dos impactos que o pensamento feminista negro e a produção intelectual, acadêmica/ativista de mulheres negras sugere, apontando possibilidades de transformações narrativas. Para tanto, as análises que proponho são ancoradas a partir dos diálogos com uma reescrita da História, por meio da intersecção entre gênero, classe e raça, apresentada aqui nas fontes bibliográficas e nas possibilidades de novos temas e práticas para o ensino e escrita da História.

Muito embora tenhamos consciência da rigidez que são as grades curriculares, o caráter conteudista, as forças de outras escritas e necessidades de superar os padrões hegemônicos de conhecimento. O caminho desse diálogo também percorre a matriz conceitual apresentada por Rusen, tangenciando a noção de consciência histórica.

Escritas de si, escritas da História...

Pensando como pode ser construída a relação do conhecimento histórico produzido academicamente e os saberes ensinados, o objetivo é que tais saberes, assim como suas formas de produção sejam objetos de questionamentos e reflexões, sobretudo os saberes condicionados por uma epistemologia hegemônica e um discurso hierarquizante. Discuto as produções de mulheres intelectuais negras e seus contextos, percebidas enquanto fontes e documentos históricos, articuladas em rede, o que permite outras visões dos processos históricos e de possibilidades na abordagem do ensino e da pesquisa. Essas trajetórias individuais e coletivas de mulheres negras são vistas como a construção de novas epistemologias a partir de uma perspectiva subalterna² e interseccional.

Reconhecemos assim, a importância de inúmeras intelectuais, escritoras e pesquisadoras negras, com intervenções político-acadêmicas descolonizadoras: Lélia Gonzalez, Matilde Ribeiro, Sueli Carneiro, Conceição Evaristo, Miriam Alves, Luiza Bairros, Patrícia Hill Collins, Bell Hooks, Grada Kilomba, dentre outras que pensam sua condição e as políticas de dominação a partir do lugar epistêmico. Essas

reflexões são percebidas em várias dimensões pertinentes ao conhecimento histórico, como os mundos do trabalho, ciência, corporeidade, literatura, saúde, em meio a elaboração de conhecimentos contra-hegemônicos.

“Na verdade, dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca toda a cultura atua para negar às mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente, torna o domínio intelectual um lugar interdito. Como nossas ancestrais do século XIX só através da resistência ativa exigimos nosso direito de afirmar uma presença intelectual”³.

O que as reflexões e provocações em torno da escrita de mulheres negras, podem impactar nas construções narrativas de uma história contra-hegemônica? Quem pode falar? Sobre o que podemos falar? O que as escritivências⁴ podem revelar dentro de um conhecimento estruturado que se presume não ser permitido dizer, segredos da escravidão, segredos do colonialismo, segredos do racismo epistêmico?. Sob este enquadramento é importante refletir como o aparato conceitual e metodológico das narrativas históricas, podem e devem fomentar interpretações que melhor situem os alunos no tempo e espaço. *“A disputa discursiva é arena prioritária para que ascendamos ao espaço público, livre das funções sociais aprisionantes (mucama, mulata e mãe preta) que reduziram os limites da nossa existência)”⁵.*

Para Miriam Alves, a literatura negro-feminina contemporânea funciona como elemento “catalisador” que percorre caminhos paralelos à história oficial e chama a nossa atenção para narrativas não hegemônicas. Nesta escrita, as vozes procuram estabelecer uma sintonia com uma forma de linguagem, cuja frequência é constituída por sentimentos geradores de novas possibilidades de existência para as mulheres negras⁶.

A cultura escrita e o fazer-se intelectual das mulheres, em particular a experiência das mulheres negras, consiste historicamente num legado de “corpo sem mente”. As atribuições femininas orquestradas pelo colonialismo e posteriormente pelo capitalismo, justificou a exploração do corpo feminino na escravidão,

representando-as numa iconografia de corpos hiper-sexualizados, a encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado.

“Do outro lado das representações das negras como selvagens sexuais desqualificadas e/ou prostitutas há o estereótipo da mãe preta. Mais uma vez essa imagem registra a presença feminina negra como significada pelo corpo, neste caso a construção de mulher como mãe, peito amamentando e sustentando a vida dos outros. Significativamente a proverbial mãe preta, cuida de todas as necessidades dos demais em particular dos mais poderosos”.⁷

Para as intelectuais negras, os estilos de suas escritas são críticas contínuas ao racismo e ao sexismo, exploram e impactam a produção do conhecimento quando assumem as intersecções necessárias entre raça, classe e gênero, insurge a compreensão das permanências de um passado marcado pela escravidão moderna. Esses aspectos da memória que são elementos na percepção de uma consciência histórica⁸, onde o passado se torna presente e orienta as perspectivas, sendo esse próprio presente articulando com a memória.

Em Diário de Bitita, Carolina Maria de Jesus denota essas projeções na escrita de suas memórias, quando reflete sobre “os negros”, ao associar o roubo de algumas frutas no quintal da vizinha à trajetórias negras construída por intermédio do processo de escravização, no imaginário dela, Bitita e de sua vizinha dona Faustina:

Então é você quem rouba as minhas frutas. Negrinha vagabunda.

Negro não presta.

Respondi:

- Os brancos também são ladrões porque roubaram os negros da África.

(...) Eu pensava que a África era a mãe dos pretos. Coitadinha da África que, chegando em casa, não encontrou os seus filhos. Deve ter chorado muito⁹.

Nesse sentido pensa-se sobre o lugar da produção escrita de mulheres negras como Carolina Maria de Jesus, como essa possibilidade de pensar sobre a escravidão negra e o racismo enquanto permanências de um passado colonial, por meio da literatura, entrecruzada por uma memória histórica, escrita de si, podem ser parte de um processo de aprendizagem que é dinâmico, juntando fatos que ocorreram no passado e tornando-os subjetivos, frutos desse mesmo processo de ensino-aprendizagem histórica?

As possibilidades tendo como suporte às fontes históricas que atribuem valor à memória escrita, estremecem os silenciamentos ao passo que cumprem conexões temporais que são necessárias ao conhecimento e aprendizagem histórica verdadeiramente transformadora, construindo e dando sentido a processos históricos que desempenham um papel na construção mental de certos sujeitos, são sentidos de vozes diaspóricas. Lendo e conhecendo histórias a partir de outros lugares, geográficos ou não, outras perspectivas de narrativas e fontes.

“ O discurso historiográfico não segue o real, não fazendo senão significa-lo, repetindo sem cessar o que aconteceu, sem que esta asserção possa jamais ser outra coisa do que o avesso significado de toda a narração histórica. Evocando o “prestígio do que *aconteceu*” a propósito da história, R. Barthes o relaciona com o desenvolvimento atual do romance realista, do diário íntimo, das crônicas, dos museus, da fotografia, dos documentários, etc.”¹⁰

Na obra *Becos da Memória*, escrita em 1987/88, porém somente publicada em primeira edição no ano de 2006, Evaristo recorre a força da memória e o poder das narrativas enquanto elementos que pode nos levar a pensar a presença/ausência e relação da condição negra brasileira atual e cotidiana com a escrita de uma História de uma herança colonial ainda por resolver.

Isso envolve uma *colonialidade* do saber como nos lembra Aníbal Quijano¹¹, quando diz que o *pensamento* está em todos os lugares e em muitas formas de escrita. Quijano apresenta seu conceito de colonialidade, entendida por meio da dominação das potencias centrais em relação às periféricas, e como esta é estruturada, através de uma diferença étnica/racial/de gênero/de classe, que hierarquiza o dominador em relação ao dominado. É uma dominação política e

econômica que se justifica através do conceito de raça, acompanhado de uma dominação epistêmica/filosófica/científica/linguística ocidental.

No trecho da obra *Becos da Memória*...

“Na semana anterior, a matéria estudada em História, fora a “Libertação dos escravos”. Pensou em Tio Totó. Isto era o que a professora chamava de homem livre? Pensou em Maria-Velha, na história do avô dela, pensou no próprio avô, o louco do Luisão da Serra. Pensou em Nega Tuína, em Filó Gazogênia, em Ditinha. Pensou em Vó Rita, na Outra e em Bondade. Pensou nas crianças da favela, poucas, pouquíssimas, podia-se contar nos dedos as que chegavam à quarta série primária. Maria-Nova olhou novamente a professora e a turma. Era uma história muito grande! Uma história viva que nascia das pessoas, do hoje, do agora. Era diferente de ler aquele texto. Assentou-se e, pela primeira vez, veio-lhe um pensamento: quem sabe escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente¹²”.

A interpelação com a obra de Conceição Evaristo existe no sentido do que a habita, estas narrativas são protagonizadas por excluídos sociais, favelados, vadios, prostitutas, meninos e meninas, sujeitos subalternizados não somente pelos meios materiais, mas também pela negação de suas agências, enquanto sujeitos que produzem histórias dignas de ser contadas. A produção da autora aliada a sua condição de mulher negra e com forte pertencimento ancestral, constrói significados pertinentes para os elementos formadores do que ela chama de *escrevivência*: corpo, condição e experiência de mulheres negras no Brasil. Transgride a utilidade de um vasto conhecimento histórico, dando impacto orientativo, potencializando em sala de aula, o que chamamos de refletir historicamente.

A literatura de Evaristo une os três pontos argumentativos que Rusen explora: *a experiência, a interpretação e a orientação*¹³, “(...) a aprendizagem histórica é o aumento na competência da orientação.¹⁴”. “Mãe Joana era uma mulher triste. Não sorria nunca. Coincidência ou não era irmã de Maria Velha. Vinha de uma mãe que tinha o lado direito abobado, adormecido e de um pai doido, demente, maluco.”

As pontas dos fios da memória da subalternização dos negros e negras pós escravidão figuram nas narrativas de Evaristo que denotam o corpo enquanto uma

fonte de saberes históricos, uma memória em carne e osso, dos tempos de barbárie e de suas permanências no desenvolvimento de doenças, fragilidades, angústias, aliando as linguagens e o sensível, entrelaçados pelos conceitos de fato e ficção, constituindo-se em narrativas de si e de tantos outros.

A experiência das mulheres negras nas Américas perpassa pela exploração dos corpos em todos os níveis. Como bem mostrou Angela Davis em *Mulher, Raça e Classe*¹⁵, as mulheres negras nas Américas, desde sempre foram trabalhadoras escravizadas ou libertas, os sentidos do conhecer essas histórias podem ser percebidos como novas oportunidades de agir, para além de só reconhecer uma historicidade.

Em Ponciá Vicencio, o entrelaçamentos das histórias do pai, irmão, avó e mãe, nos remete ao exercício de lembrar, em meio a complexidade dos personagens e os silêncios. *“Era a história do braço cotó de Vô Vicencio. O braço cotó ele se deu depois, em um momento de revolta, na procura da morte.”*¹⁶

Evaristo em sua escrita, em muito pode contribuir para pensar as narrativas de sujeitos em histórias de sofrimento e resistência, como também a força da inventividade e dos outros saberes renegados pelos cânones. Perpassa as memórias da diáspora e da escravidão, hoje mergulhado/as nas favelas, fruto de uma liberdade não concretizada. Estabelece assim, conexões temporais, sentidos de pertencimento dessa história de fluxo e refluxo.

Destaca como outras possibilidades de aprendizagem os elementos narrativos da força da memória, esta permeada pela corporeidade, sobretudo nas narrativas femininas, onde muitas personagens são definidas pelos seus corpos, é nele o espaço de enunciação e de ação, pelo mundo visível e invisível que entrelaça os percursos da diáspora na América e África.

“(…)as vozes diaspóricas se constituem como um dos elementos fundamentais para a leitura dos textos que compõem a literatura afro-brasileira. A diáspora se presentifica de distintas formas nas vidas dos negros e de seus descendentes que se veem representados em obras de autores(…)”¹⁷

Pensar essas outras histórias, fontes e abordagens é urgente, pois diversos processos de construção de conhecimentos podem ser revistos a partir da ótica da “transgressão”, ou seja, transgredir as fronteiras que fecham cada aluno numa abordagem do aprendizado como uma rotina de linha de produção. Para tanto, a luz das discussões a cerca da implementação da lei 10.639/03 são possibilidades de pensar também saberes subalternizados como a produção intelectual de mulheres negras, e diante disso, perceber processos de escolarização e ativismos. A ideia é que os saberes possam ser interseccionalizados, e assim busquem outros espaços, meios e formas de organização.

Como funciona o interior de sistemas educacionais onde a relevância das vozes e produções não hegemônicas é promotora de aprendizado? O que se conhece sobre as lutas feministas, quilombolas e indígenas, para além da atualização de conteúdos, mas como escritas de si? Como fontes e metodologias a serem trabalhadas em sala de aula? Nesse sentido é importante pontuar as formas de produção desse conhecimento como a escrita, por exemplo, ampliando as dimensões de trabalho para a História (literatura, memórias, textos acadêmicos, blogs, cordéis).

Quais significados podem ser dados para a escrita insurgente de mulheres negras na perspectiva de descolonização e da escrita da História? Trata-se de mudanças nas dimensões estrutural, epistemológica e política, essas mudanças se dão por meio do conflito, negociação, e da produção de algo novo.

Os cordéis da escritora Jarid Arraes, são fontes preciosas e contam por meio de um outro estilo de escrita, as histórias de mulheres negras, que em sua maioria são invisibilizadas pelas narrativas oficiais. São folhetos que narram as vivências de Maria Felipa, Maria Crioula, Zeferina, Antonieta de Barros, Tereza de Benguela, Tia Ciata, Tia Samoa, Zacimba Gaba, Anastácia, Aqualtune, Carolina Maria de Jesus, Dandara, Laudelina de Campos, Luiza Mahin e Maria Aranha.

Inspirada nas reflexões de Michelle Perrot ao pensar que escrever a História das mulheres significa “levá-las a sério”, sobretudo, no que as produções onde a centralidade dos olhares femininos, intersectados pelas relações raciais, nos conduzem a pensar sobre o que Perrot também expunha enquanto problemática:

o“não saber nada sobre as mulheres”. Nesta análise, tomando por base a minha própria experiência enquanto docente que também já foi estudante de História, superando a pretensão da universalidade, para questionar o porquê de “não sabermos nada sobre as mulheres negras”?

“Vou contar neste cordel	Laudelina de Campos Melo
Uma história inspiradora	O seu nome propagado
De uma negra muito forte	Em 1904
Das mulheres defensora	Seu viver foi registrado
O seu nome é Laudelina	Pois nascida nessa terra
Com força transformadora	Fez o mundo abençoado

Jarid reconta por meio do cordel, a história de Laudelina de Campos, mulher negra brasileira, fundadora do sindicato das empregadas domésticas, transgride as fronteiras raciais e de gênero, combatendo a discriminação que as trabalhadoras domésticas sofriam, exigindo igualdade de direitos, remuneração justa, bem como a regulamentação da categoria. Laudelina escreve sua trajetória na história das mulheres negras no Brasil, guiando os passos de Jarid Arraes que exercendo a sua intelectualidade enquanto mulher negra lida com tantas heranças de Laudelina e de outras mulheres negras, interferindo na cultura política, ao modo que bell Hooks nos ensina, percebendo que enquanto fruto dessas escritas, muitas “heroínas” negras podem e devem entrelaçar as narrativas e os saberes históricos.

Descolonizar as formas como ensinamos e aprendemos história, assim como o que produzimos enquanto fontes, é perceber que dentre outras as questões de raça, gênero e classe são centrais, o não reconhecimento sobre o jugo do “*lugar onde se faz ciência*” ou “*história objetiva*”, disfarça o interesse que deve conduzir o aluno e que não é simplesmente mental, mas sim de apropriação e de sentido, também de entendimento em relação a seus processos históricos, permeados por outras vivências. A busca por esse pertencimento esclarece os lugares sociais muitas vezes intransponíveis, hierarquizados e hegemônicos.

Como ação imediata, é preciso identificar as diferentes vertentes dos feminismos, explicitando as diferenças, encontrando os nossos comuns. É necessário reforçar o movimento feminista enquanto movimento produtor de idéias e práticas inovadoras, que questionam a estrutura social vigente – os domínios entre as nações; os mandos e desmandos do capital; a cristalização do poder como sendo atribuição masculina e branca, entre outros fatores. Torna-se também imperativo um eterno e sensível olhar para o cotidiano e ao redor da casa, mas também para a conjuntura nacional e internacional. Hoje as cercas entre os territórios estão cada vez mais tênues. É imprescindível um olhar ‘planetário’, porém sem perder a dimensão do chão. A infiltração dos ideais feministas em todos os espaços parece ser uma forma de quebrar inércias sociais.¹⁸

O Brasil recentemente, teve a possibilidade de incorporar a experiência negra e indígena não apenas na formulação de conhecimento histórico, como também na busca de soluções para os problemas sócio-políticos que enfrentamos, porém ainda há ausência de análises mais profundas da produção escrita de mulheres negras, e por sua vez as potencialidades que o feminismo negro e diaspórico oferece de contribuição para a História, mesmo com publicações e trabalhos acadêmicos já produzidos, como o de Matilde Ribeiro e Luiza Bairros.

Raça gênero classe social orientação sexual reconfiguram-se mutuamente formando o que Grant chama de um mosaico que so pode ser entendido em sua multidimensionalidade De acordo com o ponto de vista feminista portanto não existe uma identidade uma pois a experiência de ser mulher se da de forma social e historicamente determinadas.¹⁹

Segundo Hooks, lecionar, educar e escrever para a comunidade negra também é um ato político, fincado nas lutas antirracistas. Conforme Molefi Kete Asante, toda a produção que não atende aos interesses eurocêntricos é marginalizada, isso nos remete a problematizar um “retorno” a temas e sujeitos que na construção da humanidade, historicamente sempre estiveram presentes, mas que foram subjugados e postos a margem, mediante um processo de “escolhas” que foi a modernidade ocidental.

Importante também destacar que essas possibilidades de outros olhares e perspectivas para fontes e construções narrativas históricas, podem contribuir não no

sentido de deslocar uma história eurocêntrica para histórias afrocentradas, mas possibilitar os sujeitos subalternizados à condição de agentes, protagonistas e articuladores de processos históricos e práticas de ensino importantes e não apenas como vítimas. O ensinado não está numa condição horizontalizada, ele está permeado por relações de poder construídas em diferentes campos discursivos.

Considerações Finais

Pensar a elaboração de outras epistemologias que trazem os recortes da *diferença*, encontra-se na busca de uma nova disposição política, um novo modo de ser professor/pesquisador, em particular na História. As falas dos professores encontram-se também imersas na forma como ele usa as fontes, os materiais bibliográficos, os usos em sala de aula no processo de ensino.

Muito embora as perspectivas da História Nova e Annales, pelos ventos da historiografia francesa, tenham norteado as concepções e escritas “renovadoras” sobre a história nos últimos anos, é importante perceber que a visão e o desconhecimento a cerca de formas, culturas e trajetórias históricas ainda não tenham ganhado visibilidade e outras representações. Em análise do número de 1948 da revista Annales, François Dosse questiona: “os artigos da revista concentram-se nos estudos dos tráficos, dos portos, do comércio e da parte litorânea do continente americano, compreendida como chave para o desenvolvimento europeu”. E o que isso pode nos dizer em relação as escritas e saberes produzidos por mulheres negras na escrita da História?

Luandi José Vicêncio olhava o rosto da irmã, que caminhava em círculos. [...] Um dia ele voltaria ao povoado e tentaria recolher alguns trabalhos dela e da mãe. Eram trabalhos que contavam partes de uma história. Uma história dos negros talvez. [...] Ele que levara tanto tempo desejando a condição de ser soldado, em poucos minutos escolhia desfazer-se dela. [...] Compreendera que sua vida, um grão de lá no fundo do rio, só tomaria corpo, só engrandeceria, se se tornasse matéria argamassa de outras vidas. Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar a construir a história dos seus²⁰.

Na reconstituição das “histórias do seus”, pode-se perceber os clamores e demandas de lutas políticas que não expõem somente as fragilidades mas também as agências frente ao racismo, precariedades e vulnerabilidades nos entrecruzamentos que se traduz em resistência á leitura e reconhecimento passivo das história dos antepassados negros.

Esses olhares fomentam discussões no campo epistemológico, reconhecendo diversas formas de validação e racionalidades, compreendendo que a partir desses outros saberes e formas de escrita, podem constituir interlocuções com o conhecimento científico em História, desocultando as “narradoras”.

As narrativas são componentes imprescindíveis no conhecimento histórico e uma ferramenta crucial no ensino e aprendizagem em História, são artefatos do passado e interpretações deste. O papel que as narrativas têm nos suportes da memória, que constituem dimensões entre agentes individuais, porém envolvidos em uma coletividade. A articulação e visibilidade dessas outras narrativas podem potencializar tanto a conformidade quanto o distanciamento, terreno para aprendizagens específicas.

[...] a história anda sobre dois pés: o da liberdade e o da necessidade. Se considerarmos a história na sua duração e totalidade, compreenderemos que há, simultaneamente, continuidade e ruptura. Há períodos em que as invenções se atropelam: são as fases da liberdade criativa. E há momentos em que, porque as contradições não foram resolvidas, as rupturas se impõem: são as fases da necessidade. Na minha compreensão, os dois aspectos estão ligados. A liberdade representa a capacidade do ser humano para inventar, para se projetar para diante, rumo a novas opções, adições, descobertas. E a necessidade representa as estruturas sociais, econômicas e culturais que, pouco a pouco, vão se instalando, por vezes de forma subterrânea, até se imporem, desembocando à luz do dia uma configuração nova²¹.

Essas “novas configurações” dialogam com reflexões em torno de uma consciência histórica, levando a perceber o conjunto de fatores de ordem epistemológica que deslocam a centralidade do ato de ensinar, para campos de reflexões sobre as aprendizagens históricas, relacionando um conjunto de fatores, a saber: temporalidade, narrativas, sujeitos...atribuindo sentido a História Escolar.

A urgência por ressaltar o caráter ético de narrativas históricas antes invisibilizadas por meio de textos bibliográficos e literaturas, embora ainda se trate de documentos escritos, por sua vez, emerge outras dimensões da escrita, na compreensão de que esse traço negro feminino constitui-se também enquanto fragmentos da oralidade.

Tornando-se objeto de investigação esses saberes repensados quanto a sua relação com as práticas no ensino de história: *Que saberes são esses? Qual a sua relação com os alunos? Todas essas questões tocam em pontos como apropriações, elaborações, filiações, gênesis, legitimidades, que abrem perspectivas de análise inovadoras.*²² É pertinente perceber que apesar desses esforços, a mobilização dos conteúdos e saberes ensinados e na produção de um conhecimento escolar verdadeiramente descolonizado, muito embora essas articulações entre passado e futuro não devam carregar o peso de alimentar o ressentimento e o triunfalismo, a ideia é resignificar esse gosto amargo, nos levando a transformar-nos a nós mesmos”²³

Referências

BURQUE, Peter. *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CARDOSO, Cláudia Pons. *Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras*. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo), UFBA, 2012, pp. 268-330. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/7297/1/Outrasfalas.pdf>

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.) *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis Historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CARNEIRO, Sueli. “*Mulheres em movimento*”. Estudos Avançados, v. 17, n.49, set.-dez. 2003, pp. 117-132. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103401420030003000008&script=sci_arttext Acesso:

ESPÍRITO SANTO, Elizabeth Viana. “*Lélia Gonzalez e outras mulheres: pensamento feminista, antirracismo e antissexismo*”. Revista da ABPN, v. 1, n. 1, mar.jun.2010, pp. 52-63. Disponível em: <http://www.abpn.org.br/Revista/index.php/edicoes/article/viewFile/24/14>

DOSSE, François. *A história*. Bauru: SP, Edusc, 2003.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura e afrodescendência*. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro>>. Acesso em: out. 2011.

EVARISTO, Conceição. *Gênero e etnia: uma escre (vivência) de dupla face*. In: MOREIRA, Nadilza de Barros; SCHNEIDER, Liane. (Orgs.) *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Idéia, 2005a.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática de Liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Ida Mara. “*Tecelãs da existência*”. Estudos Feministas, Florianópolis, n. 22, v. 2, mai-ago. 2014, pp. 565-584. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36545> Acesso: 11/10/2016

GONZALEZ, Lélia. “*Racismo e sexismo na cultura brasileira*”. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, pp. 223-244. Disponível em: http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/247561/mod_resource/content/1/RACISMO%20E%20SEXISMO%20NA%20CULTURA%20BRASILEIRA.pdf Acesso: 15/11/2015.

GIROUX, Henry. *Os professores como Intelectuais. Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Trad. de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34, 2001.

GALDINO, Daniela. *Tessitura Azeviche. Diálogos entre as literaturas africanas e a literatura afro-brasileira*. Ilhéus: Editus, 2008.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

RIBEIRO, Matilde. “*Mulheres negras: uma trajetória de criatividade, determinação e organização*”. Estudos Feministas, n. 16, v. 3, set.-dez.2008, pp.987-1004.

Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2008000300017> Acesso:

WALSH, Catherine (org.) *Pedagogías Decoloniales. Prácticas de Insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Série Pensamento Decolonial, Quito. Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. (org.) *Afrocentricidade. Uma abordagem epistemológica inovadora*. Sankofa. São Paulo: Selo Negro, 2009.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. *Escritoras negras contemporâneas: estudo de narrativas — Estados Unidos e Brasil*. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.

SHOHAT, Ella e STAM, Robert, *Crítica da Imagem Eurocêntrica*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

¹A base dessa discussão é inspirada a partir das reflexões de bell Hooks presentes no texto Intelectuais Negras in Revista de Estudos Feministas, Ano. 3, 1995.

² Conforme discute Larissa Pelúcio, falar de saberes subalterno não é, portanto, apenas dar voz àquelas e àqueles que foram privados de voz. Mais do que isso, é participar do esforço para prover outra gramática, outra epistemologia, outras referências que não aquelas que aprendemos a ver como as “verdadeiras” e, até mesmo, as únicas dignas de serem aprendidas e respeitadas. In Subalterno quem cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos, estudos queer. Revista Contemporânea, vol. 2, Jul-Dez, 2012.

³ HOOKS, bell. Intelectuais Negras in Revista de Estudos Feministas, Ano. 3, 1995.

⁴ Escrevivências para Conceição Evaristo constituem experiências narrativas por meio de três elementos formadores: corpo, condição e experiência.

⁵ HOOKS, bell. Intelectuais Negras in Revista de Estudos Feministas, Ano. 3, 1995.

⁶ ALVES, Miriam. Bará na Trilha do Vento. São Paulo: Editora Ogum's Toques Negros, 2015.pag.20.

⁷ HOOKS, bell. Intelectuais Negras in Revista de Estudos Feministas, Ano. 3, 1995. pag.469.

⁸ SCHIMIDT, Maria Auxiliadora, BARCA, Isabel, MARTINS, Estevão Rezende (orgs.) *Jorn Rusen e o Ensino de História*. Curitiba: Editora UFPR, 2010.

⁹ EVARISTO, Conceição. *Diário de Bitita*, São Paulo: SESI SP, 2014. pag. 58.

¹⁰CERTEAU, Michel. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1982, pag.52.

¹¹QUIJANO. Aníbal. *Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina*. In *A Colonialidade do saber. Eurocentrismo e Ciências Sociais, perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires, Clacso, 2005.

¹² EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*, Rio de Janeiro, Pallas, 2017. pág. 209-211

¹³ SCHIMIDT, Maria Auxiliadora, BARCA, Isabel, MARTINS, Estevão Rezende (orgs.) *Jorn Rusen e o Ensino de História*. Curitiba: Editora UFPR, 2010.

¹⁴ Idem.

¹⁵ DAVIS, Angêla. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo, Boitempo, 2016.

¹⁶ EVARISTO, Conceição. Ponciá Vicêncio. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

¹⁷ ALVES, Miriam. *Bará na Trilha do Vento*. São Paulo: Editora Ogum's Toques Negros, 2015.

¹⁸ RIBEIRO, Matilde. O feminismo em novas rotas e visões. In *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, setembro-dezembro, 2006.

¹⁹ BAIROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. In *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, II semestre, 1995.

²⁰ EVARISTO, Conceição. Ponciá Vicêncio. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

²¹ SECCO, Maria Lucia Tindó. *Afeto & poesia: ensaios e entrevistas: Angola e Moçambique*: Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2014, p. 45

²² MONTEIRO, Ana Maria. *Professores de História. Entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p.84

²³ TODOROV, Tzvetan. *O homem desenraizado*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999. P.75.